

DEPOIMENTOS

Prof^a. Lilitana LAGANÁ

“Brutto e Cattivo”, o professor de Geografia. Conheci o Professor Pasquale Petrone em 1956, no Colégio Dante Alighieri, em São Paulo.

Eu acabara de chegar da Itália, freqüentava o primeiro colegial e mal falava o português. Ele, professor de Geografia, também natural da Itália (mas isso eu soube mais tarde), era o mais magro e o mais bravo de todos os professores. Pelo menos, foi assim que se apresentou no primeiro dia de aula.

Olhando fixamente, e seriamente, para a classe, foi expondo às claras e sem meias palavras aquilo que seriam as regras – rigidíssimas – das aulas e das provas, dos deveres de cada um, durante o ano “escolástico”.

A prova, oral, seria na primeira aula depois do dia 15, todo mês, até o final do ano. Não haveria desculpas para quem não estivesse preparado neste dia. E se faltasse.....zero! E que não nos atrevessemos a pedir adiamento de prova. Que barganhássemos com os outros professores a data das outras provas. A dele já estava marcada, sem apelação.

Em pé diante da classe, bem à frente da minha carteira, falava levantando consideravelmente a voz nas palavras chave – o “zero!”

Liliana Laganá

foi um verdadeiro “dó di petto” – ao mesmo tempo em que as frisava com sinais desenhados no ar pelo dedo indicador, que levantava ameaçador, sem descruzar os braços que mantinha apertados contra o tórax.

Eu o olhava assustada, tomada de verdadeiro pavor. Ele era o único professor mau, naquele colégio onde todos os professores se haviam mostrados tão compreensivos. Com este, o diálogo parecia impossível. E se eu não conseguisse falar em português na prova oral? Temi, naquele momento, pelo ano inteiro, quiça pelos três anos... E para compensar meu tremor interior, gritava para ele, de dentro para dentro: “Brutto, cattivo! Cattivo, cattivo, brutto”.

Para evitar surpresas no dia da prova me pus a estudar diariamente Geografia, religiosamente, passando a limpo a matéria, caprichando no caderno. E nem percebi quando este estudar obsessivo deixou de ser por medo e se tornou paixão.

Uma paixão pela matéria que crescia a cada aula, às quais ninguém faltava. Não sei se na terça ou na quinta-feira, mas num desses dias a aula de Geografia era após o recreio, e por mais que nos apresássemos pelas escadarias, sempre encontrávamos o professor de Geografia já na sala, preenchendo os diários de classe. Esperava que nos sentássemos, jogava um rápido olhar indagativo para a classe e estava feita a chamada.

Conhecia a todos, um por um, e o lugar de cada um. Era uma de suas características, a memória. Uma memória fantástica que o levava a falar aulas e aulas sem nunca recorrer a um apontamento, a uma ficha, sem nunca um sinal de dúvida diante de nomes de lugares, cadeias montanhosas, rios, cidades...

Não ditava a matéria, como fazia a professora de História. De certa forma, parecia entrar nela e nos carregava junto.

As vezes, falava medindo a sala de aula a largos passos, da direita para a esquerda, da esquerda para a direita, parando apenas para utilizar a lousa, onde desenhava croquis que explicavam a formação das chuvas de convecção e os movimentos dos alísios, as cadeias montanhosas e as chuvas orográficas, o trabalho de erosão das águas superficiais e o perfil de um cone de dejectão, ou então mapas de continentes e países que surgiam, branco sobre preto, como de um fantástico decalque mental.

Outras vezes parava, olhando para a classe – sempre bem em frente à minha carteira – usando fartamente braços e mãos, que completavam, ilustrando o seu discurso.

Realmente não sei dizer se certas coisas as fixei mais pelas palavras ou pelos gestos que as acompanhavam, como no exemplo, que ficou antológico entre nós, dos rios da Baixada Santista, “largos, lentos e sinuosos” em que acompanhava com gestos que mimavam o movimento lento dos rios as já expressivas palavras pronunciadas num significativo tom grave, em andamento “largo assai”.

Uma imagem impossível de esquecer. Como impossível de esquecer outra imagem, a do pastoreio nômade, em que podíamos quase ouvir o pisoteio dos rebanhos em busca dos pontos de água, nas pastagens magras da Ásia Central.

Nestas aulas realizávamos verdadeiras viagens pelo mundo, nos trilhos de uma força e riqueza verbal que nos fascinavam, um falar fluente, imponente, polifônico, capaz de criar indescritível riqueza de imagens – como as que acabei de citar – que acompanhavam o discurso lógico com que o Professor de Geografia nos introduzia na compreensão dos fenômenos físicos e humanos nas suas interrelações com o espaço.

Liliana Laganá

Eu me sentia fascinada por uma Geografia que não era mais decoração de nomes de rios e cidades e países com seu elenco de produtos econômicos, tão enfadonha quanto inútil. Era um abrir os olhos para o mundo, nele descobrindo coisas nunca antes pensadas.

Todos, creio, amávamos suas aulas. Mas, contraditoriamente, amávamos quando conseguíamos “matá-las”. Afinal, o Professor de Geografia não era tão “brutto e cattivo”, como tinha pintado a si mesmo no primeiro dia de aula. A prova, realmente, foi sempre na primeira aula depois do dia quinze. Em três anos, apenas uma vez conseguimos adiar uma prova, e foi por um motivo muito sério, não lembro qual. Mas ele permitia que matássemos a aula, de vez em quando. Ao que tudo indica também gostava.

E nestas “matanças” aprendíamos muito, por que levávamos para ele temas do dia-a-dia ou grandes temas mundiais sobre os quais queríamos que falasse. Foi assim que o ouvimos falar sobre a juventude transviada, a conquista da Lua e o lançamento do primeiro foguete, sobre a invasão domiciliar pela televisão, sobre Gandhi e a resistência pacífica, sobre a crise do canal de Suez, sobre a seca nordestina que afinal de contas não era a única causa dos problemas de um nordestino nem tão forte assim...

O professor de Geografia nos auxiliava realmente a compreender o mundo à nossa volta, a nos formar como cidadãos.

Outras vezes pedíamos que contasse as viagens por ele realizadas pelo Brasil afora, em suas excursões como professor da Faculdade de Filosofia da USP. E assim, foi sentados nas cadeiras das salas de aula do Dante Alighieri que todos nós descemos a pé a Serra do Mar, surpreendidos a meio caminho por um toró de dar gosto, percorremos num jipe o sertão poeirento e árido do Nordeste brasileiro, atolamos na travessia de alguma ribeira nas paragens do Mato Grosso...

Eu, sem perceber, começava a amar naquelas aulas e naquelas “matanças” uma terra à qual eu tinha vindo sem querer. O conhecimento do espaço despertava a minha curiosidade. Os estudos clássicos, do latim principalmente, a que sempre me dedicara com muito fervor lá na minha terra de espaço delimitado pelo peso da História, pela presença marcante dos séculos, esmaeciam diante desta terra feita de espaço, de dimensões tão inimagináveis, vertiginosas. Percebi que não mais poderia passar sem aquele contato “espacial” com a nova terra: quis mais, larguei o latim e me inscrevi no vestibular de Geografia.

A Geografia, agora sei, assim como a aprendera com aquele professor “brutto e cattivo”, se tornara para mim o meio de aceitar a nova terra, fazendo-a minha através do conhecimento, a mais verdadeira, senão a única forma de amar.

